

Paolo D'Iorio

# Nietzsche na Itália

A viagem que mudou os rumos da filosofia

Tradução:

Joana Angélica d'Avila Melo



Não tenho força suficiente para o norte: lá reinam almas grosseiras e artificiais que trabalham tão assídua e necessariamente na medida da prudência quanto o castor em sua construção. E pensar que foi entre elas que passei toda a minha juventude!

Eis o que me impressionou quando pela primeira vez vi chegar o entardecer com seu vermelho e seu cinza aveludados no céu de Nápoles – como um arrepio, como por pena de mim mesmo pelo fato de haver começado minha vida sendo velho, e me vieram lágrimas e o sentimento de ter sido salvo, ainda que no último instante. Eu tenho disposição suficiente para o sul.

FRIEDRICH NIETZSCHE

## Introdução: Tornar-se filósofo

A VIAGEM A SORRENTO não é somente a primeira grande viagem de Nietzsche ao estrangeiro, a primeira grande viagem ao sul, mas também a genuína ruptura em sua vida e no desenvolvimento de sua filosofia. Ela acontece em 1876, quando Nietzsche está passando por graves sofrimentos morais e físicos. Sua saúde declinou, fortes nevralgias obrigam-no a permanecer acamado pelo menos uma vez por semana, com enxaquecas insuportáveis. É também o momento de um balanço intelectual. Agora que atingiu a idade de 32 anos, Nietzsche começa a lamentar haver aceitado muito jovem, talvez jovem demais, a cátedra de professor na Basileia, que ele ocupa há sete anos e que começa a lhe pesar. Mais grave ainda, aos poucos o fervor de seu engajamento como propagandista wagneriano vai cedendo espaço ao desencanto e à dúvida.

Quatro anos antes, o jovem professor de filologia clássica da Universidade da Basileia havia escrito um livro intitulado *O nascimento da tragédia a partir do espírito da música*, no qual, partindo de uma investigação sobre a origem da tragédia grega, propunha uma reforma da cultura alemã baseada numa metafísica da arte e no renascimento do mito trágico. Segundo essa combinação original de sólidas hipóteses filológicas com elementos extraídos da filosofia de Schopenhauer e da teoria do drama wagneriano, o mundo só pode se justificar enquanto

fenômeno estético. O princípio metafísico que forma a essência do mundo, que Nietzsche chama de o “Uno-primordial” (*Ur-Eine*), é de fato eternamente sofredor, porque é formado por uma mistura de alegria e de dor originárias. Para se livrar dessa contradição interna, ele precisa criar belas representações oníricas. O mundo é o produto dessas representações artísticas anestésiantes, a invenção poética de um deus sofredor e torturado, o reflexo de uma contradição perpétua. Mesmo os seres humanos, segundo *O nascimento da tragédia*, são representações do Uno-primordial, e, quando produzem imagens artísticas tais como a tragédia grega ou o drama wagneriano, seguem e amplificam, por sua vez, o impulso onírico e salvador da natureza.<sup>1</sup> Essa função metafísica da atividade estética explica o lugar privilegiado que é atribuído ao artista na comunidade, na medida em que ele é o continuador das finalidades da natureza e o produtor dos mitos que favorecem igualmente a coesão social: “sem o mito, toda a cultura é desapossada de sua força natural, sã e criadora; somente um horizonte constelado de mitos circunscreve de maneira unitária o movimento inteiro de uma cultura.”<sup>2</sup> Ante a desagregação do mundo moderno, composto de uma pluralidade de forças não harmonizadas, Nietzsche havia tentado, com esse primeiro livro, salvar a civilização colocando-a sob a redoma de vidro do mito e da metafísica e confiando-a à direção do músico dramaturgo.<sup>3</sup>

O festival wagneriano de Bayreuth, em agosto de 1876, deveria ter marcado o começo dessa ação cultural por uma renovação profunda da cultura alemã e pelo nascimento de uma nova civilização. Nietzsche havia depositado uma grande esperança nesse evento, mas se decepcionara, julgando-o deprimente e artificial.<sup>4</sup> A partir daí Nietzsche não mais acreditava

na possibilidade de uma regeneração da cultura alemã por meio do mito wagneriano. Seu desejo de pôr termo à sua fase wagneriana e de retornar a si mesmo, à sua filosofia e ao seu livre-pensamento era fortíssimo: “O medo me fez considerar a precariedade do horizonte moderno da civilização. Não sem alguma vergonha, fiz o elogio da civilização sob redoma de vidro. Por fim, recobrei-me e me lancei no alto-mar do mundo.”<sup>5</sup>

É então que sua amiga Malwida von Meysenbug lhe propõe passar um ano no sul, para se cuidar mas também para refletir, como que para tirar férias de sua própria vida. Nietzsche aceita de imediato. Graças à cumplicidade inesperada da viagem e da doença, o filósofo recomeça a pensar. A viagem o afasta das obrigações cotidianas do ensino, libera-o dos hábitos e das fraquezas de todos os dias e o livra do clima do norte. A doença o obriga ao repouso, ao *otium*, à espera e à paciência... “Mas eis justamente o que se chama pensar!...”<sup>6</sup> Em Sorrento, Nietzsche renega sua fase wagneriana, retoma certos saberes de sua formação filosófica e filológica e se abre ao pensamento da modernidade, à história, à ciência. No meio dos papéis de Sorrento, encontra-se um trecho muito explícito a respeito disso: “Quero expressamente declarar aos leitores de minhas obras precedentes que abandonei as posições metafísico-estéticas essencialmente dominantes ali: elas são agradáveis, mas insustentáveis.”<sup>7</sup>

Na realidade, mesmo quando escrevia *O nascimento da tragédia*, Nietzsche estava consciente de que a fascinante visão do mundo que desenhava ali era apenas uma bela ilusão na qual nem mesmo ele acreditava muito. De fato, a primeira fase do seu pensamento é caracterizada por uma profunda cisão entre o que o jovem professor escreve publicamente e o que ele con-

fidencia aos seus papéis ou aos seus alunos. Essa cisão só terá fim com sua viagem ao sul, no momento em que todo um fluxo de pensamentos que permanecera subterrâneo em relação à sua atividade pública finalmente virá à luz, dando a impressão de uma mudança repentina e suscitando surpresa e perplexidade até entre seus amigos mais próximos. É em Sorrento que ele escreverá a maior parte de *Coisas humanas, demasiadamente humanas*,\* o livro dedicado a Voltaire que marca uma guinada em seu pensamento.<sup>8</sup> Graças a esse livro, Nietzsche ultrapassará a fase metafísica e wagneriana de sua filosofia; por causa dele, perderá quase todos os amigos que aderiam às ideias do movimento wagneriano: “Dentro em pouco, deverei expressar ideias *consideradas insultantes* por aquele que as alimenta; então, até meus amigos e minhas relações se tornarão tímidos e amedrontados. Preciso passar por esse braseiro também. Em seguida, pertencerei cada vez mais a mim mesmo”, escrevera ele antes de partir.<sup>9</sup> Doze anos mais tarde, no capítulo de *Ecce homo* consagrado a *Coisas humanas, demasiadamente humanas*, Nietzsche contará da seguinte maneira essa mudança radical de estado de espírito:

O que em mim então se decidiu não foi exatamente uma ruptura com Wagner. Tomei consciência de uma aberração geral de meu instinto, cujo erro específico – quer traga o nome de Wagner ou o da cátedra da Basileia – não passava de um sintoma. Uma verdadeira *impaciência* em relação a mim mesmo me submer-

---

\* As razões filosóficas e linguísticas pelas quais traduzo *Menschliches, Allzumenschliches* por *Coisas humanas, demasiadamente humanas*, em vez do usual *Humano, demasiado humano*, são explicadas no capítulo 5, p.154-61, e na nota 44 do mesmo capítulo, p.206.

giu; vi que era hora de refletir, retornar a mim mesmo. Em um instante percebi, com extraordinária clareza, quanto tempo já fora desperdiçado – quão inútil e arbitrária se mostrava toda a minha existência de filólogo diante da minha verdadeira missão. Senti vergonha dessa *falsa* modéstia... Dez anos às minhas costas, dez anos nos quais a *alimentação* de meu espírito havia cessado completamente, nos quais eu não tinha aprendido nada de útil, nos quais havia esquecido uma quantidade absurda de coisas em troca de um amontoado de erudição empoeirada. Caminhar a passo de tartaruga entre os metricistas gregos, com meticulosidade e visão ruim – eis aonde eu tinha chegado! Com comiseção, via-me magro, esfomeado: ao que eu sabia, as *realidades* faltavam em absoluto, e as “idealidades”, quem sabe para que diabos serviam! – Uma sede verdadeiramente ardente se apoderou de mim: desde então, na realidade já não me ocupei de mais nada a não ser de fisiologia, de medicina e de ciências naturais – mesmo aos verdadeiros estudos históricos só retornei quando minha *tarefa* me obrigou imperiosamente a isso. Foi então que adivinhei também pela primeira vez a correlação que existe entre uma atividade escolhida contra o instinto, uma pretensa “vocação” à qual não se é *nem um pouco* chamado, e essa necessidade de um *adormecimento* do sentimento de vazio e de fome por meio de uma arte narcótica, por exemplo, por meio da arte wagneriana.<sup>10</sup>

Essa primeira viagem, portanto, dá a Nietzsche a força para abandonar o ofício de professor e mudar totalmente de vida. Após sua estada em Sorrento, ele bem que tentará mais uma vez voltar a ensinar na Basileia; sofrendo, entre a vida e a morte, tentará voltar atrás, para recuperar a proteção da pequena família de Naumburg. Inutilmente... pois agora sua verdadeira vocação

o chama para a solidão, para uma vida de filósofo viajante, para o sul. Em Sorrento, no grande quarto do segundo andar de sua pensão, que dá para um bosquezinho de laranjeiras e, mais ao longe, para o mar, o Vesúvio e as ilhas do golfo de Nápoles; nas tardes luminosas do outono, silenciosas e perfumadas pelo aroma das laranjas, ainda impregnadas do sol do meio-dia e do sal do mar; durante os serões de leitura em voz alta, com amigos, ou durante as excursões a Capri ou ao carnaval de Nápoles; durante passeios pelas aldeolas que se debulham ao longo de um dos mais belos golfos do mundo, nessa terra onde os antigos acreditavam escutar as sereias; durante as manhãs passadas escrevendo os primeiros aforismos de sua vida, cujos rascunhos conservam até hoje o nome de *Sorrentiner Papiere*, Nietzsche decide tornar-se filósofo.

Da varanda de seu quarto, diante de Sorrento, ele avista a ilha de Ischia. Ilha vulcânica, lugar real e imaginário que servirá ao filósofo de modelo para as “ilhas bem-aventuradas”, as ilhas dos discípulos de Zaratustra. As ilhas bem-aventuradas são as do futuro, da esperança, da juventude. E é exatamente isso o que Nietzsche redescobre em meio aos tormentos de sua doença: as visões, os projetos, as promessas de sua juventude. Não como vestígios de um passado já enterrado, mas como vozes que vêm do passado para lembrar àquele que se desespera e que se enganou de estrada qual é o caminho futuro de sua vida. Ischia não é a ilha de San Michele, o cemitério da laguna de Veneza que serviu de modelo para a “ilha dos sepulcros” do *Zaratustra*: ilha silenciosa de uma cidade decadente, no meio do mar da laguna que conserva e lentamente decompõe tudo. Ischia não representa a lembrança e a nostalgia do passado, mas o lugar onde as forças vulcânicas



subterrâneas perfuram o mar do esquecimento e retornam à luz do sol. Não o crepúsculo de uma civilização que morre, mas a alvorada de uma nova cultura que emerge acima de seus 3 mil anos de história.

Entre 32 e 33 anos, *in media vita*, nessa tensão entre passado e futuro, Nietzsche sonha frequentemente com sua infância, com épocas anteriores de sua vida, “com pessoas há muito tempo esquecidas ou desaparecidas”. Como sinal tangível de que o tempo da infância se extinguiu, chegam-lhe então notícias da morte de seu “mestre venerado”, Friedrich Ritschl, de sua avó materna e de seu velho colega Franz Gerlach, o filólogo clássico da Universidade da Basileia. A filosofia, afirmava Schopenhauer, começa por uma meditação sobre a morte. Mas no meio dos *Sorrentiner Papiere* se encontram, enigmáticas, estas palavras de Spinoza: *Homo liber de nulla re minus quam de morte cogitat et ejus sapientia non mortis sed vitae meditatio est*. O homem livre em nada pensa menos do que na morte, e seu saber não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida.<sup>11</sup>